

COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em fevereiro, o emprego industrial aumentou na série livre de influências sazonais, apresentando um acréscimo de 0,3% em relação a janeiro de 2004. Entretanto, os demais indicadores permaneceram negativos: -0,9% no índice mensal, -1,2% no acumulado do ano e -1,0% no dos últimos doze meses.

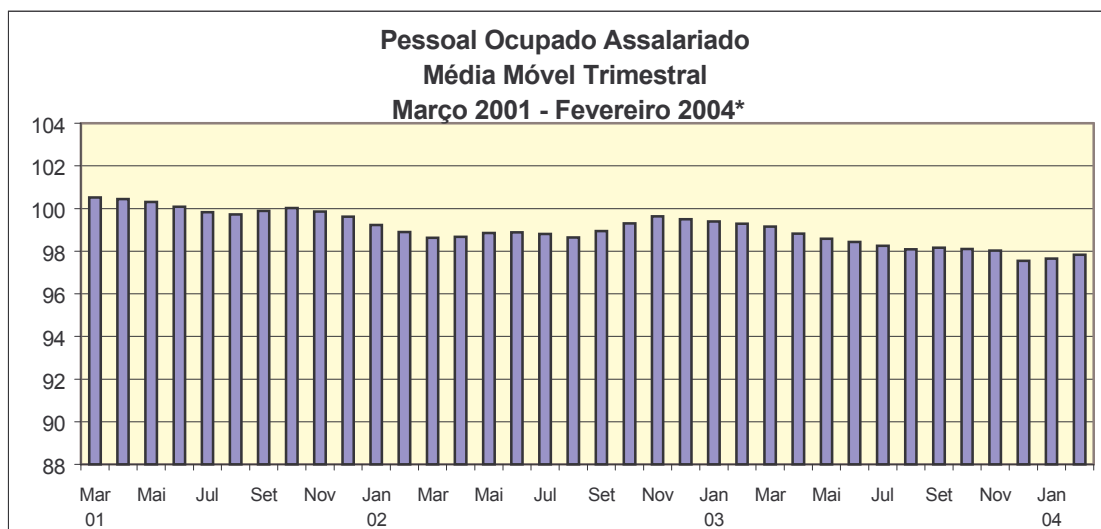
No confronto fevereiro 04/fevereiro 03, a queda de 0,9% foi resultado dos desempenhos negativos de nove dos quatorze locais e dez das dezoito atividades. Entre os locais pesquisados, a indústria paulista representou a principal contribuição negativa, com redução de 1,8% do contingente de trabalhadores, seguida por Rio Grande do Sul (-3,5%). O Espírito Santo, por sua vez, registrou a menor taxa do país (-7,0%), pressionado pela redução do número de trabalhadores em doze segmentos, sobretudo, o de máquinas e equipamentos (-30,3%). Com ampliação no emprego, Minas Gerais foi a principal contribuição positiva no cômputo geral (3,5%), seguida por Nordeste (1,2%) e Pernambuco (4,4%).

Setorialmente, o resultado nacional foi afetado por reduções observadas em dez segmentos, com destaque para vestuário (-11,8%), papel e gráfica (-6,4%) e têxtil (-6,1%), que exerceram as principais pressões negativas. O setor de vestuário também pressionou negativamente o índice global da indústria paulista, atingindo -23,5%, enquanto que, na indústria gaúcha, couros e calçados (-8,0%) foi o principal responsável pela performance negativa neste estado. Em contrapartida, no total do país, oito ramos registraram aumento no emprego, sobressaindo o de máquinas e equipamentos (9,1%), que, como se sabe, vem apresentando grande dinamismo na produção, impactando positivamente o emprego.

O resultado acumulado no primeiro bimestre de 2004 também registrou perda no número de trabalhadores da indústria, da ordem de 1,2%. Em dez áreas, o número de demissões superou o de admissões, entre as quais destacaram-se, com as principais influências negativas, São Paulo (-1,9%) e

Rio Grande do Sul (-4,1%). Também neste confronto, Minas Gerais tem se revelado o estado com a maior contribuição positiva sobre o emprego, registrando 3,0% de crescimento e apoiado principalmente na expansão do setor de alimentos e bebidas (14,9%).

Por fim, a trajetória apontada pelo gráfico de média móvel trimestral revela ligeiro crescimento no trimestre encerrado em fevereiro, 0,2% acima do trimestre encerrado em janeiro.



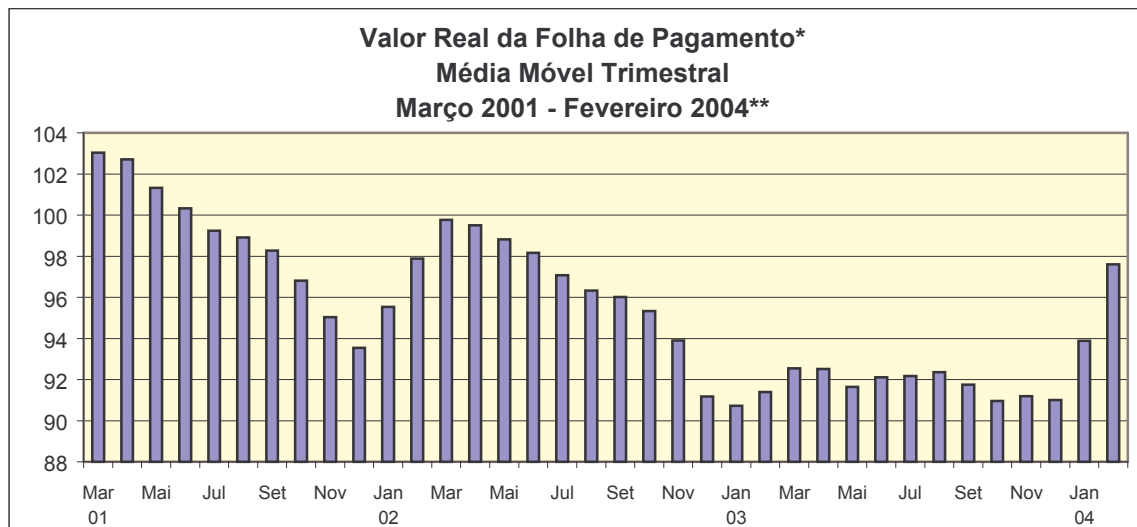
Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

FOLHA DE PAGAMENTO

A folha de pagamento da indústria, em fevereiro, apresentou resultados positivos: 10,1% de crescimento real na comparação com fevereiro do ano passado e 8,4% no acumulado do ano. No indicador dos últimos doze meses, a taxa foi negativa (-2,0%), porém, a trajetória apresentada é de desaceleração do ritmo de queda, desde novembro. No que tange à folha média de pagamento, verificaram-se aumentos nos índices mensal (11,1%) e acumulado (9,7%) e recuo no indicador dos últimos doze meses (-1,0%).

Entre fevereiro e janeiro, descontados os efeitos sazonais, houve expansão de 4,3% nos pagamentos concedidos aos trabalhadores da indústria. De acordo com o comentário da nota passada, em janeiro, houve uma alteração do padrão de sazonalidade, sendo esta a razão do aumento observado entre janeiro e dezembro/03, ampliado pela justificativa de que os índices da inflação nos primeiros meses, em 2003, eram bem superiores aos obtidos neste primeiro bimestre de 2004. O recuo nos índices de inflação e o pagamento de benefícios

também explicam os resultados positivos neste mês. Conseqüentemente, o gráfico de médias móveis trimestrais registrou expressivo aumento nos trimestres encerrados em janeiro e fevereiro. Assim, segundo esses índices, a folha de pagamento em fevereiro último equivale, em termos reais, à de julho de 2002.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
 *deflacionado pelo IPCA-IBGE
 **série com ajuste sazonal

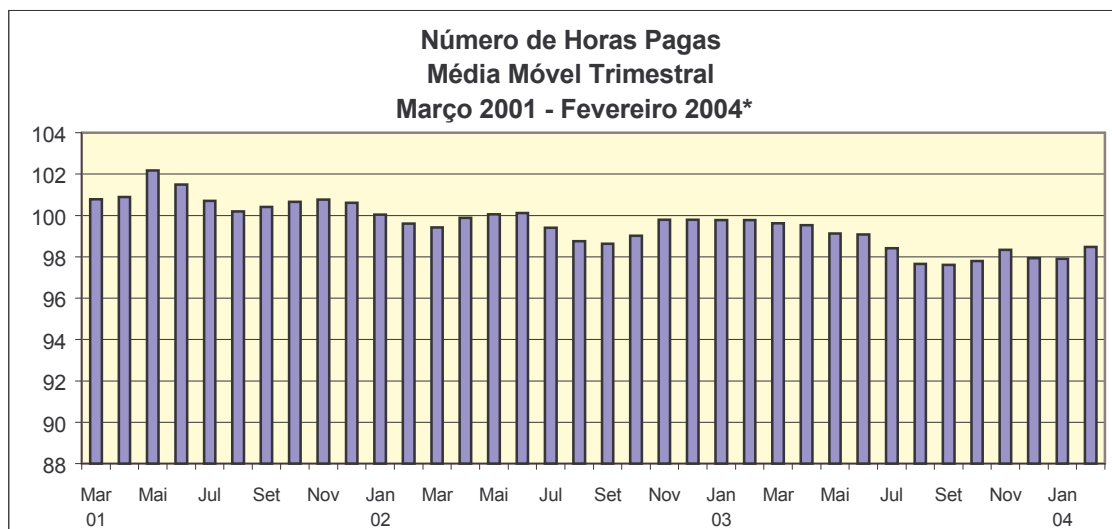
Na comparação mensal, foram observadas expansões na folha de pagamento em treze locais pesquisados, uma vez que somente o Espírito Santo apresentou recuo (-2,3%). As indústrias de São Paulo (11,2%) e Paraná (14,2%) responderam pelas contribuições de maior impacto na formação da taxa global de 10,1%. Em nível setorial, o quadro também foi de acréscimos na maior parte (quinze) das divisões industriais. Os ramos que mais influenciaram de forma positiva o resultado global foram máquinas e equipamentos (30,6%), produtos químicos (16,9%) e alimentos e bebidas (10,1%).

No indicador acumulado no primeiro bimestre, todas as áreas elevaram o total da folha de pagamento de seus empregados. Assim como na comparação mensal, os mesmos setores apontados foram os principais responsáveis pelos ganhos reais na folha de pagamento, enquanto que as reduções mais significativas, em termos de contribuição, foram assinaladas nos ramos têxtil (-9,7%), vestuário (-3,1%) e fumo (-7,2%).

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em fevereiro, o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria obteve um acréscimo de 2,2% em relação ao mês de janeiro, já descontado o efeito sazonal. No indicador mensal observou-se uma pequena queda de 0,2%, já os indicadores mais abrangentes obtiveram retrações maiores, de -1,0% no acumulado do ano e de -1,2% no acumulado dos últimos doze meses. A jornada média de trabalho no mês de fevereiro cresceu no indicador mensal (0,7%) e no acumulado do ano (0,2%), mas decresceu no acumulado dos últimos doze meses (-0,2%).

A jornada de trabalho, entre fevereiro e janeiro, teve um acréscimo de 0,6%, segundo o indicador de média móvel trimestral, revertendo a trajetória descendente iniciada em dezembro de 2003.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*série com ajuste sazonal

Na comparação fevereiro 04/ fevereiro 03, o indicador do número de horas pagas do setor industrial apresentou decréscimo de 0,2%, sendo este resultado parcialmente influenciado pelo menor número de dias trabalhados em fevereiro de 2004 em relação a fevereiro de 2003, uma vez que o Carnaval, em 2003, foi comemorado no mês de março. Nove dos quatorze locais e nove dos dezoito ramos pesquisados exibiram recuos nas horas pagas. Em termos setoriais, as reduções mais expressivas foram observadas nos segmentos de vestuário (-11,4%), têxtil (-5,2%) e fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-4,8%), já as maiores contribuições positivas ficaram por conta das indústrias de máquinas e equipamentos (10,7%) e de borracha e plásticos (5,5%). No corte regional, os locais que mais

influenciaram negativamente o resultado nacional foram: Rio de Janeiro (-5,7%), Rio Grande do Sul (-2,1%), e Espírito Santo (-5,5%). Em contrapartida, a maior influência positiva foi dada por Minas Gerais (3,3%). Na indústria fluminense, os segmentos de vestuário e produtos de metal (ambas com -24,7%) e alimentos e bebidas (-6,5%), foram os principais impactos negativos. Na indústria riograndense, fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-16,0%) calçados e couro (-3,4%) e fumo (-11,8%). Já no Espírito Santo, a indústria de máquinas e equipamentos foi o maior impacto negativo, com decréscimo de 29,3%.

No acumulado janeiro-fevereiro, o número de horas pagas decresceu em 1,0%, ante igual período do ano anterior, resultado melhor do que o obtido no mês de janeiro (-1,8%). Para o cômputo geral contribuíram negativamente onze locais e também onze dos setores industriais. No que tange as regiões, os maiores impactos negativos foram observados em São Paulo (-1,4%), Rio Grande do Sul (-3,6%) e Rio de Janeiro (-5,2%). Em contrapartida, o maior impacto positivo foi proporcionado por Minas Gerais (3,1%). No âmbito setorial, as maiores pressões negativas foram dadas por vestuário (-11,5%), têxtil (-6,8%) e outros produtos da indústria de transformação (-6,4%). Por outro lado, máquinas e equipamentos (9,9%) e metalúrgica (8,5%) foram as maiores contribuições positivas.

Por fim, o índice acumulado nos últimos doze meses apresentou, em fevereiro, recuo de 1,2%, acentuando ainda mais o movimento de queda iniciado em outubro de 2003. Setorialmente, os maiores impactos negativos vieram dos ramos de vestuário (-7,0%) e fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-9,8%). Já os locais que mais contribuíram, negativamente no cômputo geral foram São Paulo (-1,8%) e Rio de Janeiro (-5,1%).